

HIP HOP EM TRÂNSITO: CULTURAS JUVENIS, PESQUISA E ESCOLA

Margarete Arroyo¹

SOUZA, J.; FIALHO, V. M.; ARALDI, J. **Hip Hop**: da rua para a escola. Porto Alegre: Sulinas, 2005. 136 p. (Coleção Música). 1 CD.

Hip Hop: da rua para a escola constitui-se em uma importante contribuição da pesquisa no campo da Educação Musical para a articulação entre as culturas juvenis e a escola.

O livro tem como base duas pesquisas realizadas em Porto Alegre, RS, entre os anos de 2001 e 2004, ambas empreendidas no programa de pós-graduação, Mestrado em Música, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e sob a orientação da professora doutora Jusamara Souza. A primeira investigação, desenvolvida por Vânia Malgutti Fialho, focalizou o programa de televisão Hip Hop Sul, buscando “compreender a função da televisão na cultura musical *hip hop*”. A segunda, empreendida por Juciane Araldi, abordou “a atuação e a formação musical de quatro DJs”.

Jusamara Souza tem cooperado para uma revisão epistemológica da Educação Musical como campo de conhecimento teórico e prático. Fundamentada na Sociologia do Cotidiano, tem produzido e orientado investigações marco na área.

Neste livro, “escrito a muitas mãos”, destacam as autoras – já que *rappers* e *DJs* “compartilham a sua cultura” -, a meta é “divulgar trabalhos de pesquisa e reflexões acadêmicas”, articulando as produções universitárias, comunitárias e escolares. O objetivo é apoiar professores de música e outros que trabalham com adolescentes e jovens estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Além de almejar “estabelecer contatos entre dois mundos: da rua e da escola”, as autoras apontam que o livro poderá auxiliar professores da educação básica no seu trabalho com o tema das relações étnico-raciais, tornando obrigatório em 2003.²

¹ Departamento de Música e Artes Cênicas, Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia. Professora e pesquisadora do Curso de Música, doutora em Educação Musical – UFRGS. Linhas de pesquisa: Educação Musical e Cultura; Educação Musical formal e informal; interação dos jovens com a música popular. margaret@ufu.br

² Lei Federal 10.639/2003.

O livro, “com um caráter didático”, informam as autoras, está organizado em 23 capítulos que focalizam dimensões do *rap*, a prática reconhecidamente musical do *Hip Hop*, constituído também pelo grafite e pelo *breakdance*. Acompanha-o um CD com gravações dos *rappers* e *DJs* que participaram das pesquisa de Fialho (2003) e Araldi (2004).

Objetivando justificar a contribuição de *Hip Hop: da rua para a escola* mencionada inicialmente, torna-se importante apresentar um breve quadro do estado atual da pesquisa na Educação Musical que versa sobre as culturas juvenis, bem como estudos em outras áreas que discutem a inserção dessas culturas no meio escolar.

O ingresso da pesquisa em Educação Musical na temática das culturas juvenis é recente. Data da última década do século XX e ocorre no contexto de uma significativa revisão epistemológica da área. Essa revisão resultou da ampliação do conceito de educação musical, quer relacionado a quais conhecimentos musicais são válidos, quer relacionado à tomada de consciência de que a aprendizagem de música ocorre em diversificados espaços socioculturais. Na primeira ocorrência, empreendeu-se um esforço para superar o caráter eurocêntrico do que seria conhecimento musical; na segunda ocorrência, passou-se a compreender que a escola era apenas um dos espaços socioculturais onde aprendizagem de música acontece. A partir desses dois marcos, principalmente nos últimos quinze anos, várias pesquisas passaram a mapear outros cenários em que aprendizagem de música tem lugar, bem como outros conhecimentos musicais e uma variedade desses processos de aprendizagem (ARROYO, 2002). Essas investigações fundamentam-se nos aportes sociológicos e antropológicos e têm fornecido subsídios para se repensar a aprendizagem musical nos espaços escolares.

O estudo das culturas juvenis no Brasil tem sido foco de atenção de pesquisadores das Ciências Sociais desde a década de 1960. Em 1968 é publicada a série *Sociologia da juventude* que trouxe traduções de textos sobre o tema (BRITTO, 1968). Mas, foi após 1990, que a temática ganhou espaço expressivo na produção acadêmica, com textos que hoje são referências importantes tais como Abramo (1994).

Em 1995 é publicada a *Bibliografia sobre a juventude* (CARDOSO; SAMPAIO), que traz cerca de 200 títulos, nacionais e estrangeiros. Em 1997, a Revista Brasileira de Educação produz o número especial *Juventude e contemporaneidade* com o objetivo de estimular o tema. Com esta publicação, o assunto das culturas juvenis invade também o campo da pesquisa em Educação, sendo que o estudo *Juventude e escolarização (1980-1998)* (SPOSITO, 2002), que analisa dissertações e teses dos programas de pós-graduação em Educação, fornece uma avaliação da geração do conhecimento nesse tópico.

A década de 1990 testemunhou ainda, além da crescente produção nacional sobre as culturas juvenis, o trabalho de ONGs centradas na formação de

adolescentes e jovens. Vale citar aqui a Ação Educativa, sediada em São Paulo, que alia atuação com jovens e educadores à pesquisa. Entre 1999 e 2003 desenvolveu a investigação *Culturas juvenis, educadores e escola*, cujos resultados estão no livro *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores* (CORTI; SOUZA, 2005). Esta publicação e outras duas, ANDRADE (1999) e DAYRELL (2005) citam o desejo dos jovens praticantes de *rap* de atuarem nos espaços escolares.

É nesse contexto de produção acadêmica e social que *Hip Hop: da rua para a escola* constitui-se numa importante contribuição para a articulação entre as culturas juvenis e a escola.

Os vinte e três capítulos que formam o livro são curtos e objetivos, tratando cada um de aspectos pontuais do *Hip Hop*. Os dois primeiros são de caráter introdutório: o primeiro, “O que é *Hip Hop*?”, traz definições dessa produção cultural pelos próprios praticantes e aponta os seus quatro “elementos básicos” *MC*; *DJ*; Grafite e o *Break*; o segundo é dedicado a um breve histórico. Alguns dos capítulos seguintes são: *Rap – a crônica da periferia*; *O microfone como arma*; *O toca-disco como instrumento musical*. Os demais capítulos focalizam outros equipamentos, as técnicas de criação musical, os estilos do *rap*, dinâmicas dos grupos e suas preocupações de ordem social. Os capítulos 19, 20 e 21 destacam a dimensão pedagógica do *Hip Hop*, como as *Oficinas de DJs* que, realizadas em “escolas, comunidades e presídios”, divulgam a cultura *Hip Hop*, proporcionam a sua aprendizagem e promovem ações sociais. O penúltimo capítulo é um glossário dos termos da linguagem do *Hip Hop* e no último, “*Para saber mais sobre hip hop*”, são indicados livros e sites.

Vários desses capítulos trazem depoimentos dos próprios *rappers* e *DJs* participantes das pesquisas de Fialho e Araldi, e a maioria finaliza com breves recortes de matérias de revistas ou de literatura especializada. Fotos e um CD completam os recursos da narrativa. Essa combinação de meios cria um texto atraente numa extensão bem enxuta: o relato objetivo e informativo das autoras é entremeado pelas falas dos *hip hoppers*, conduzindo o leitor para o interior dessa cultura. Os recortes de matérias e literatura proporcionam uma instrumentalização conceitual em alguns casos, ou densidade maior dos aspectos focalizados, em outros. As fotos e o CD detalham a inserção na cultura *Hip Hop*; as primeiras proporcionando a percepção visual dessa cultura, e o segundo, a percepção sonora. Em síntese, a narrativa construída por meio desses vários recursos cria uma dinâmica que alia comunicabilidade à necessária e possível densidade, dentro do objetivo das autoras: alcançar os professores e mesmo estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

Esta publicação, com tantos aspectos positivos, apresenta também pequenos problemas, que de modo algum comprometem seu valor. Foram observadas várias falhas de edição – palavras incompletas, necessidade de uma revisão mais cuidadosa da redação – e a ausência de fontes de referência

ao final de alguns recortes de literatura. Além disso, carece de uma revisão cuidadosa, pois a redação é confusa e comprometedora no entendimento da informação veiculada sobre Música Concreta, Música Eletroacústica e Música Eletrônica no recorte da literatura ao final do sétimo capítulo (Texto 2 – *A Música dos DJs e a música eletrônica*).

Hip Hop: da rua para a escola tem o principal mérito de divulgar valores dessa cultura que é deturpada e confundida com marginalidade. Quem transita entre as culturas juvenis e a escola constata quantas dúvidas e preconceitos são lançados sobre o *Hip Hop*. Acreditamos que este livro poderá ajudar a superar essas dificuldades.

Referências

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scrita, 1994.

ANDRADE, E. N. de. (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999.

ARALDI, J. **Aprendizagem musical de DJs**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

ARROYO, M. Educação Musical na Contemporaneidade. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2., 2002, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2002. ICD-ROM.

BRITTO, S. de (Org.). **Sociologia da Juventude II: para uma sociologia diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CORTI, A. P.; SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FIALHO, V. M. **Hip Hop Sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Juventude e escolaridade**. n. 5 e 6, maio/dez., 1997.

SPOSITO, M. P. (coord.) **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/ INEP/COMPED, 2002. (Série Estado do Conhecimento, n. 7). Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/juventude_escolarizacao_n7_151.pdf>. Acesso em: 08 agosto de 2005.